



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA
ISSN 2525-3441

HER LIBERTY: SUBJETIVIDADE FEMININA NEGRA E RELAÇÕES DE GÊNERO EM RUBY (2017), DE CYNTHIA BOND

HER LIBERTY: BLACK WOMANHOOD SUBJECTIVITY AND GENDER RELATIONS IN RUBY (2017), BY CYNTHIA BOND

Yasmine Sthefane Louro da Silva

<https://orcid.org/0000-0002-4951-3339>

Diana Barreto Costa

<https://orcid.org/0000-0002-7499-1631>

Welbson Carlos Sousa Neres

<https://orcid.org/0009-0000-6773-7769>

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo geral discutir sobre as questões de gênero que envolvem o romance Ruby (2017), título homônimo da protagonista da obra a escritora estadunidense Cynthia Bond. Como metodologia, foi utilizado a teoria semiótica, desde a primeira etapa do Percurso Gerativo do Sentido de Greimas, utilizando o quadrado semiótico, como sugerido por Barros (2005), acerca das oposições semânticas mínimas, para analisar a protagonista Ruby e discorrer sobre a dualidade puta/santa, como apresentada e ditada na obra. A fundamentação teórica é composta pelos estudos acerca do feminismo negro de Hooks (2019; 2020) e Davis (2016), como também a contribuição sobre o racismo nos Estados Unidos de Morrison (2018). Como resultado, tem-se a forma como a protagonista é marginalizada pelos moradores de Liberty, e subjugada por companheiros brancos quando foge para Nova York. Como considerações finais, apresentamos as ferramentas opressivas que convencem Ruby de que ela jamais passará de uma meretriz, prosseguindo a manutenção dos estereótipos raciais, que negam à mulher negra sua própria existência e subjetividade.

Palavras-chave: Literatura; Mulheridade Negra; Relações de Gênero; Semiótica.

Abstract: The following research has as main objective to discuss questions about the gender and race involved and debated in the novel Ruby (2017), homonymous title based in the name of the main protagonist in the work of the North American writer Cynthia Bond. Letting it known, with the methodology used in semiotics' theory, since the first step of the generative path of the sense of Greimas, using the Semiotic Square, suggested for Barros (2005), about the minimum semantic oppositions to analyse Ruby, the book's main protagonist, in a way to discuss about the duality of the Saint and the Whore lived and approached in this novel. Therefore, the theoretical framework is composed by the studies about the black feminism of Hooks (2019; 2020) and Davis (2016), as so the United States Racism of Morrison (2018). As results, the form of a marginalized protagonist by the Liberty citizens, as subdued by the white companions when run away to New York. As finals considerations, presented by the oppressive tools that convince Ruby that she's actually would never ever stop being a whore, progressively maintaining the racial stereotypes, that deny the black woman and their own subjectivity and existence.

Keywords: : Literature; Black Womanish; Gender Relations; Semiotic.

INTRODUÇÃO



A escritora estadunidense Cynthia Bond, em seu romance *Ruby* (2017), leva o leitor ao início do século XX para discorrer principalmente sobre questões inter-raciais e de gênero que envolvem sua protagonista Ruby Bell. A o enredo da obra começa na década de 1970, mas se desenvolve em constantes *flashbacks* que se iniciam em 1925, majoritariamente na cidade de Liberty, no estado do Texas, localizada no sul dos Estados Unidos da América (EUA).

Ruby (2017) é o romance de Cynthia Bond com protagonista homônima, Ruby, que é considerada uma decepção para cidade em razão do passado sombrio de sua família, nos movimentos conflituosos de feminicídio e relações paranormais. Ruby representa as mulheres negras, logo, a oposição básica aqui investigada refere-se às expectativas apropriadas pelo inconsciente coletivo do período ao representar as mulheres negras do enunciado.

O objetivo geral da presente pesquisa, portanto, é compreender a disposição da personagem Ruby mediante aos estereótipos do discurso racista e machista, impregnado na sociedade estadunidense do século XX, que colocavam-na em posição de subalternidade e sem valor. Tais estereótipos influenciam na autoimagem da personagem sobre si mesma.

Ruby Bell poderia ser apenas mais uma “garota negra de pele clara”, como afirmam as personagens da obra, caso não fosse resultado de um evento traumático na vida de sua mãe: um estupro coletivo cometido pelos policiais brancos de Liberty, no Texas, em uma noite de horror na vida das jovens Bell. As mulheres da família Bell eram odiadas pelos negros por serem brancas demais e odiadas pelos brancos por serem negras demais.

Um agravante a esse fator é a política de 1 (uma) única gota, adotada nos Estados Unidos para destacar e segregar quem proviesse de uma relação inter-racial, considerada tabu na época e altamente desestimulada, como é abordado por Louro (2021, p. 19), ao afirmar que tal política “é o estigma social e político das pessoas negras ou brancas, desde que determina como aquele indivíduo será lido socialmente e quais perspectivas serão impostas a ele, de acordo com o resultado da miscigenação”.

Ruby, considerada uma das crianças mais bonitas da cidade, cai em uma armadilha orquestrada pelo Reverendo Jennings, líder de uma seita composta pelos homens negros da cidade



de Liberty. Eles acreditam no princípio do Islamismo de que o maior inimigo do homem negro é o branco e que, para destruí-los, usariam a ruína do homem branco, sendo esta a mulher negra. Para isso, o grupo insere uma espécie de demônio no corpo de Ruby por meio de um estupro coletivo, assim como ela havia sido concebida. A grande questão é a de que Ruby tem apenas seis anos quando isso ocorre.

Depois dessa experiência traumática, Ruby é vendida pelo Reverendo Jennings para um prostíbulo infantil, onde homens brancos começaram a pagar para estuprá-la brutalmente durante anos, tanto que ela engravida e continua a ser violentada. Após conseguir fugir do bordel, a protagonista segue para Nova York, onde continua a se prostituir. Além disso, começa o seu relacionamento sáfico com Abby Millhouse, que ainda é abusivo e tóxico, principalmente pelo caráter inter-racial da relação, sendo Abby Millhouse uma lésbica branca.

Em determinado momento, Ruby decide voltar para Liberty, como se ouvisse um chamado, lá é onde a sua saúde mental se degenera. Assim, ela cai em estágio catatônico, em que não come, não bebe etc., apenas rasteja-se. Continuamente encontram-na na rua, suja e em farrapos, quando, finalmente, Ephram a acolhe e ajuda-a a recuperar a sua dignidade. O que é contrário à imagem de Ruby chegando à cidade, como descrito na narrativa abaixo:

3

Todos a conheciam, mas se deixaram levar pelo aroma pungente do perfume e pelo novo sotaque dela. Mais tarde, Ephram ouviu a Senhorita P dizer que Ruby soava com uma locutora de rádio. Para ele, parecia que, ao longo dos treze anos em que estivera ausente, Ruby tinha passado a voz a ferro para eliminar qualquer resquício de Liberty (Bond, 2017, p. 81).

Em uma entrevista ao “O, *The Oprah Magazine*”, a autora revela à sua entrevistadora, Oprah Winfrey, que boa parte de sua inspiração para ambientar o livro veio de sua própria família. De acordo com Bond (2015, np1), “algumas das minhas primeiras memórias são ouvindo minha mãe contar histórias sobre o lugar onde ela viveu na infância, uma cidade pequena e majoritariamente negra ao leste do Texas [...] minha mãe cresceu em uma pequena fazenda perto de

1 NP: Não paginado.

um pinhal” 2. Entretanto, levar a história de Ruby Bell para o local em que sua mãe cresceu foi o menor dos detalhes resgatados das memórias de sua família pela autora.

Bond (2015, np) relata as histórias que desde cedo ouvia da mãe; de seu avô, filho de mestre de escravizados que também foi escravizado, e que, apesar de ser constantemente confundido como branco, por seus olhos claros e cabelos loiros, sempre afirmou sua negritude; ou de sua tia morta por um xerife e um grupo de deputados; ou ainda a história de primos que, por conta do racismo, fugiram para o norte e tentaram se passar por brancos. Não obstante, a própria Cynthia Bond teria sofrido tráfico humano enquanto criança e decidira, na vida adulta, cuidar e ajudar jovens sem-teto em Hollywood, tal qual a protagonista Ruby Bell (Bond, 2015b, np). Todos esses fatos relatados por Bond são incorporados pela mesma em personagens específicos da obra.

Ademais, é necessário entender que entre o final do século XIX e início do século XX as discussões raciais eram inflamadas por um pós-Guerra Civil estadunidense que havia prometido às pessoas negras liberdade e igualdade, mas que, na prática, não as integrava como cidadãos (Karnal, 2007, p. 130). Na década de 1890, “um novo sistema de subordinação racial nasceu nos Estados Unidos a partir do Sul ex-escravista” (Karnal, p. 169, 2007). Por conseguinte, homens negros, que tinham conseguido direito ao voto com a 15^o emenda, são, mais uma vez, impedidos de votar ou sequer dividir ambientes públicos com brancos.

Outrossim, para mulheres de cor a realidade era ainda mais cruel, uma vez que eram atenuadamente exploradas pelo que foi chamado de “risco triplo”, pois eram oprimidas como trabalhadoras, como mulheres e principalmente como negras (Davis, 2016). Além disso, segundo Davis (2016, p. 174), a herança da escravidão dera ao homem branco o poder estrutural para acreditar que “possuiriam um direito incontestável de acesso ao corpo das mulheres negras”. Desta forma, se para os homens negros, naquele momento, travava-se de uma



2 “Some of my first memories are of listening to my mother tell stories about her childhood home, a small, all-black East Texas town [...] my mother grew up on a little farm in the piney woods” (Bond, 2015)



luta em favor do direito ao voto, para as mulheres negras o grande desafio era garantir o direito básico de existir.

Uma vez que já havia a necessidade pessoal em trabalhar com questões de raça nesta pesquisa, Cynthia Bond surge com uma história rica o suficiente para ser analisada sob variadas perspectivas. Sendo assim, torna-se imprescindível uma análise

detalhada da obra de Bond para melhor compreensão de como surgem as relações na obra, sem deixar de lado a importância da experiência familiar da autora para a escrita do livro.

Na presente pesquisa, privilegiamos apenas a análise semiótica do enredo que envolve diretamente a protagonista do romance, Ruby Bell, por meio do percurso gerativo do sentido, em que buscar-se-á nele destacar qual o funcionamento narrativo do enunciado. Inicialmente, analisando a primeira das três dimensões: das *estruturas fundamentais*, com o objetivo de obter a significação como oposição semântica mínima³; e a segunda das dimensões: das *estruturas narrativas*, na qual a narrativa é organizada pela perspectiva do sujeito.

5 No caso de *Ruby* (2017), a análise das estruturas fundamentais será baseada na oposição básica *santa* vs. *puta*, polarizadas a partir de um enunciado determinado pela racialização dos adjetivos. Para isso, o presente artigo será dividido em três seções: na primeira, *Negritude, racismo e segregação racial nos Estados Unidos: uma breve contextualização histórica* será explorada as questões étnico-raciais que permeiam a obra; na segunda seção: *Subjetividade feminina negra: intersecção de gênero e raça*, onde serão analisadas as questões pertinentes à subjetividade feminina e negra concernentes à oposição básica; na terceira seção, *Ruby (2017): intersecção de opressão de gênero e raça* abordar-se-á às questões pertinentes ao nível fundamental da análise semiótica de *Ruby* (2017).

³ Para Barros (2005), uma categoria semântica se fundamenta em uma oposição a partir da diferença, logo, pode-se dizer que o enunciado depende dessa compreensão gerada pelo nível narrativo fundamental, que depende de uma construção discursiva por meio de uma polaridade.

METODOLOGIA



A ciência dos signos, também conhecida como semiótica, surge a partir dos estudos linguísticos com Charles Sanders Peirce no século XVIII, e atinge seu auge apenas na metade do século XIX. Segundo Barros (2001, p. 21) “O enfoque semiótico procura organizar o texto como uma totalidade de sentido e determinar o modo de produção desse sentido, isto é, como o texto diz o que diz”. Sendo assim, na perspectiva semiótica, a análise busca investigar o significado dos signos, reconhecendo os elementos de configuração textual e como eles funcionam na formação do discurso.

De antemão, é necessário recorrer a Fiorin (2002) para melhor compreensão do que é o signo. Segundo o autor,

a atividade Lingüística é uma atividade simbólica, o que significa que as palavras criam conceitos e esses conceitos ordenam a realidade, categorizam o mundo. Por exemplo, criamos o conceito de pôr-do-sol. Sabemos que, do ponto de vista científico, não existe pôr-do-sol, uma vez que é a Terra que gira em torno do Sol. No entanto, esse conceito criado pela língua determina uma realidade que encanta a todos nós. (Fiorin, 2002, p. 68)

6

Sendo assim, o signo nada mais é do que qualquer produção humana portadora de sentido que serve para representar alguma coisa. Tudo que é conhecido só pode ser percebido quando nomeado. Desta forma, “o signo é um elemento representativo que serve como um rótulo utilizado para identificar as coisas” (idem).

A semiótica percebe o texto para além dos sinais clássicos da língua materna, buscando analisar os sinais culturais adquiridos no decorrer da vida de cada indivíduo e como isso interfere diretamente na sua forma de se expressar e interpretar o discurso. Falar de sentido é falar da oposição criada a partir do postulado saussuriano da “diferença”, e a partir dela, identificar o contexto que faz um objeto se tornar um objeto significante para o homem (Barros, 2001).

Apesar de terem havido diferentes teorias e escolas de semiótica, na presente pesquisa, aplicaremos o Percurso Gerativo de Sentido de Greimas, da teoria semiótica francesa desenvolvida por A. J. Greimas e pelo Grupo de

Investigações Sêmio-lingüísticas da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Tal processo se divide em três etapas:



estrutura fundamental, estrutura narrativa e estrutura discursiva (Barros, 2001).

Como mencionado previamente, a metodologia escolhida para esta pesquisa é a teoria semiótica greimasiana, a qual se utiliza de um processo em três etapas, ou seja, o Percurso Gerativo de Sentido, para interpretar o que o enunciado diz e quais as

ferramentas que ele utiliza para tal. Para a semiótica greimasiana, o discurso é visto a partir de um grupo de camadas que se sobrepõem umas sobre as outras, indo do “mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto” (Barros, 2001, p. 22).

Segundo Barros (2001, p. 21), a semiótica, como a vê Greimas, “tenta determinar as condições em que um objeto se torna objeto significante para o homem. Uma grandeza semiótica qualquer é, por conseguinte, uma rede de relações e nunca um termo isolado”. Sendo assim, a análise terá como ponto de partida o Quadrado Semiótico de Greimas, a partir da oposição: *santa* vs. *puta*, que são os adjetivos que moldam toda a narrativa e se significam um a partir do outro, percebendo a significação como uma oposição semântica mínima. Em seguida, no nível das estruturas narrativas, é organizado a narrativa a partir da perspectiva do sujeito, sendo ele a protagonista do romance, Ruby, e firmando o valor e posicionamento dos personagens, e como eles a modificam ou pelo menos tentam modificar.

7

NEGRITUDE, RACISMO E SEGREGAÇÃO RACIAL NOS ESTADOS UNIDOS: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Os Estados Unidos são compostos por 50 estados, entre eles o Hawaii e o Alasca, regiões conquistadas após a sua já estável existência como economia e nação. Antes, era apenas um achado encontrado pelos navegadores ingleses que se interessaram pelas riquezas escondidas e por seu terreno propício para a colonização que precisavam: um exílio daqueles que destoavam das determinações “religiosas” — razões mais políticas do que necessariamente de uma dissuasão de interesses religiosos propriamente ditos — que regiam o Velho Mundo.



Diferentes regiões da América do Norte foram colonizadas de duas maneiras distintas, por métodos de exploração ou de colonização. As colônias caracterizam-se também principalmente por suas diferenças. De acordo com Louro (2021, p. 98), “as imagens associadas à negritude e pessoas pretas foram construídas bem antes, por meio do imperialismo político quando da influência inglesa no tráfico negreiro e na escravidão”. De padrão colonizador utilizavam-se mão de obra escrava e aproveitavam das planícies para o cultivo agrícola, como também para a pecuária, gerando capital e matéria a serem enviados à Metrópole.

De acordo com Louro (2021, p. 67), “a fundação racial dos Estados Unidos remonta a meados do século XVI, quando quatro fatores estruturaram o olhar inglês a respeito dos africanos enquanto escravizados”. Dentre os fatores, tem-se, principalmente, a cor da pele dos africanos, que foi considerada negativa desde o início. Para os ingleses, a negritude estava diretamente ligada ao pecado e ao sensualismo, como uma verdadeira antítese da branquidade, sendo esta definida como “um lugar de vantagem estrutural nas sociedades estruturadas na dominação racial” (Ware, 2004, p. 312).

Para Louro (2021, p. 67 *apud* McCauley, 1996, p. 6), “a Branquidade simbolizava pureza, virgindade, virtude, beleza, bondade e Deus; Negritude conotava sensualismo, pecado, baixeza, feiura e o Diabo”. A autora pontua, também, que os africanos eram vistos como incivilizados e inferiores, logo, com o intenso envolvimento do serviço missionário no tráfico negreiro do século XVII, foi fomentada a ideia de que os africanos nada mais eram do que bestas selvagens. Os ingleses associavam os negros à imagem de besta selvagem, de macacos, sendo esta uma imagem tão bem fixada que é presente até os dias atuais. O último dos fatores que findaram por fixar a imagem de bestialidade à negritude era a suposta potência sexual dos africanos que os tornavam criaturas selvagens.

Para Louro (2021, p. 82), “essa inferioridade determinada pelos brancos residia no campo da civilização, ou seja, nos aspectos culturais que determinam um povo”, dentre eles, os costumes religiosos, os modos de vestir, falar e até mesmo as formas de organização de ordem cultural ou política. Todos estes aspectos

eram constantemente invalidados, afinal, eram considerados diabólicos e deveriam ser extintos. E assim, mesmo que tivessem conhecimento de que se tratava de outra criatura



humana, passaram a denominá-los *animalescos*, *bestiais* e *brutos*, signos que carregavam uma conotação sexual muito mais perceptível no passado do que no presente (Louro, 2021).

Para Caldeira (1994), a atribuição de termos como *bárbaro* ou *selvagens* para comunidades não-brancas revela uma repetição no padrão e nas normas conhecidas para a validação do repúdio

pela diversidade cultural estabelecida. Sendo tal diferença, além de cultural, também física, seja caracterizada pela cor da pele, cabelo ou volume dos lábios. A distinção dessa diferença no fenótipo étnico dificultou a interação entre os povos e causou dificuldade na assimilação da diferença pelos brancos, o que resultou na chamada *aculturação* ou *desculturação forçada*. Ou seja, mais do que a superação da cultura conhecida por parte dessas comunidades não-brancas em nome da adoção da cultura branca e ocidental, houve também um apagamento de tal cultura tradicional e originária.

Ainda conforme Caldeira (1994), a cor dos africanos causou um impacto muito maior nos ingleses, quando em comparação com outros povos envolvidos no comércio de escravos. A autora aponta que houve certa perplexidade inicial por parte dos ingleses, que foi sucedida por várias tentativas de explicar a diferença entre as cores da pele do ser humano. No entanto, independente desse aparente fascínio, uma verdade absoluta foi sedimentada sobre os africanos: a sua inferioridade.

Conforme Caldeira (1994), a relação entre os negros e o animalesco foi fundamentalmente estabelecida quando os negros foram vistos pela primeira vez convivendo em harmonia com orangotangos, sendo estes vistos também pela primeira vez no início do tráfico negreiro e apenas em terras africanas, o que resultou na criação dessa mitologia monstruosa de relações sexuais entre homens e animais. A autora estabelece que “a lascívia associada ao macaco e o seu parentesco com o diabo acrescentavam um ingrediente de ameaça à imagem do Africano” (Caldeira, 1994, p. 33).

Caldeira (1994, p. 34) ainda indica que os ingleses temiam a sociedade africana, considerando-a um perigo para uma dita ordem que seria ameaçada pelo caos, e que a sociedade inglesa atuaria como uma contenção para a imoralidade do “império dos mais baixos impulsos” e inseririam as convenções sociais como uma contenção para o comportamento desregrado. Por isso os ingleses apresentavam uma relutância em reconhecer a organização social africana como respeitável, impondo-lhes

9

assim, as regras e o decoro (em excesso) da organização social inglesa, a fim de supostamente protegê-la dos perigos da conduta dos africanos.

Esses apontamentos foram imprescindíveis para a pesquisa do teórico George Fredrickson (1988 *apud* Caldeira, 1994), que não conseguiu chegar à resposta acerca de se os Estados Unidos já nasceram racistas, por influência dos ingleses e de suas crenças, particularmente pelo posicionamento racialmente violento adotado por eles, ou se se tornaram racistas como consequência de evolução social, econômica e política, responsável por estabelecer o racismo no país por meio das interações dos colonos com os africanos, gerando o racismo como hoje.



SUBJETIVIDADE FEMININA NEGRA: INTERSECÇÃO DE GÊNERO E RAÇA

Ao discorrer sobre a intersecção da opressão de raça e gênero, Hooks (2019b) estabelece que existe uma tendência de tratarem a opressão por raça como mais importante ou superior à opressão por gênero, o que acaba por invalidar a vivência das mulheres oprimidas tanto pelo sistema patriarcal quanto pelo racismo. A autora acrescenta, ainda, que esse posicionamento tem como consequência uma admiração provinda da suposta *força* da mulher negra ao superar adversidades. Por outro lado, Hooks (2019b, p. 25) determina que “ser forte diante da opressão não é o mesmo que superá-la [e] resistência não deve ser confundida com transformação”.

Infelizmente quando havia uma destruição total da dignidade humana dos negros, que iam desde a eliminação do nome e do status das escravizadas, sendo algumas delas rainhas e princesas em seus países, como uma etapa do processo de introdução das pessoas africanas para o mercado de escravos, até a separação dos grupos compostos por conhecidos e familiares, como forma de evitar a concentração de um idioma em comum, como pontua Hooks (2019b).

Uma das violências mais utilizadas pelos algozes (e temidas pelas vítimas) para destruir a dignidade africana, era o *estupro*, considerado um dos mecanismos mais comuns de dominação do corpo das mulheres negras. A promessa do

trabalho doméstico era uma verdadeira ambição para as trabalhadoras do campo, por considerarem-no mais leve.



Entretanto, conforme Hooks (2019b), a convivência com os senhores e senhoras extremamente exigentes tornavam- as escravizadas vítimas de crueldades e de torturas por eles cometidos, principalmente as negras. Elas permaneciam em constante estado de alerta, devido à vulnerabilidade sexual, pois poderiam ser escolhidas como objetos sexuais, resultando em assédio ou em estupro.

Segundo Hooks (2019b), os proprietários homens brancos tentavam subornar essas mulheres com regalias em seus serviços domésticos em troca de uma prática sexual consensual, considerando-as prostitutas. Para Louro (2021, p. 98), “a submissão das mulheres negras escravizadas não é tratada como cumplicidade, desde que não havia como a mulher resistir sem sofrer consequências, sendo o destino destas a punição e a violência sexual”.

De acordo com Davis (2016), as mulheres negras não podem ser consideradas *mulheres*, pois os homens brancos passaram a ser educados para considerarem as mulheres a sua ruína, tornando-os “vulneráveis” à sedução das mulheres, em especial das mulheres negras. Esse sentimento de fascínio que a mulher negra desperta no homem branco auxilia no desenvolvimento de sentimentos *antimulher*, por parte deles.

Seria considerado irônico haver uma representação da loucura em mulheres negras sendo que estas personagens são, muitas vezes, consideradas mulheres sem psicologia. O fato é que a *loucura* é sintomática para mulheres negras que compreendem o funcionamento do *status quo*, como é o caso da mãe infanticida de *Beloved* (1987), de Toni Morrison, *The Purple Color* (1982), de Alice Walker, em que a mãe negra separa-se de seus filhos e é condenada a sempre cuidar dos filhos dos outros, como também a mãe negra em *Uncle Tom’s Cabin* (1852), responsável por cuidar sozinha dos filhos, após o abandono paterno involuntário. Ruby, como as personagens citadas na literatura de denúncia produzida nos Estados Unidos no século XX, vivenciou episódios dramáticos e brutais na transição da infância para a adolescência. Foi explorada em um prostíbulo infantil, seguidos por uma gravidez na adolescência; teve a sua filha natimorta, causando uma ruptura na psique da jovem mãe que já tinha expectativas para a sua filha e a amava. Em meio ao inferno em que vivia, ao ser explorada sexualmente, via-se alvo, assim, do racismo e da misoginia ao mesmo tempo, como é explicitamente citado na obra sob análise nesta pesquisa, pois “parece que o homem branco pode



fazer tudo com uma preta: estuprar, bater, humilhar, mas se ele mostra um pouquinho de respeito é um Deus nos acuda” (Bond, 2017, p. 62).

Diferente do que possa vir a pensar, além de tudo isso, a mulher negra não tem o homem negro como aliado. De acordo com Louro (2021), em nenhum momento da luta pelo sufrágio feminino negro houve união com os homens negros, que queriam se assegurar de que *eles* votassem primeiro. Pensando pela lógica de que, ao longo dos séculos, as mulheres negras foram vistas como seres reprodutores, não é de se estranhar que Dyboù fosse inserido/acoplado à Ruby de maneira tão brutal. De maneira significativa, as relações de gênero interseccionadas pela raça, como é o caso do abuso sexual perpetrado por Chauncy contra Ruby no seu momento de maior fragilidade na vida adulta, Ruby reflete que “os homens eram um *leve desagrado* que ela esperava até passar” (Bond, 2017, p. 93).

Mulheres vítimas de estupro sofrem uma imensa dor moral. Em contraste com a óbvia objetificação da mulher negra pelo homem branco, tem-se o distanciamento do homem negro, que se sente intimidado de se aproximar das mulheres mais claras, temendo a alcunha de *estuprador* tão comum quando se trata de negros, como no trecho sobre Neva Bell: “mesmo assim, a gente mantinha certa distância dela, todos os homens de cor faziam isso, porque ela era diferente. *A gente olhava a Neva Bell que nem se olha uma estrela que brilha lá no céu*” (BOND, 2017, p. 61). Os homens negros temem tanto o estereótipo racial do negro hiper-sexual que mantem-se distantes de mulheres negras mais claras, tidas por eles como mais brancas do que negras.

12

RUBY (2017): INTERSECÇÃO DE OPRESSÃO DE GÊNERO E RAÇA

No Quadrado Semiótico de Ruby, temos a oposição básica negra/branca, que permeia a narrativa, por ter sua origem em um termo comum aos estadunidenses: o *birracial*. Porém, como a questão do colorismo afeta os indivíduos a um nível subjetivo, o racismo atinge os negros pela chamada política de 1 (uma) única gota de sangue negro em indivíduos miscigenados,

considerando a dualidade branca/negra para mensurar as



problemáticas que envolverão os destinatários/destinadores e enunciados de Ruby.

Vale destacar que Ruby não é necessariamente uma obra que preserva os estereótipos racistas, principalmente por ser escrita por uma mulher negra, mas que denuncia o *status quo* ao representar como essas mulheres são lidas e representadas por

outras mídias ou mesmo na literatura produzida no período, como é o caso de *A prostituta respeitosa* (1946), de Jean Paul Sartre. A obra retrata uma mulher negra que se prostitui, mas denuncia que foi estuprada por um filho de senador influente, até que a família dele se envolve e causa problemas para ela.

Também pode-se citar o polêmico *One hundred dollar misunderstanding* (1962), de Robert Glover, que conta a história de um universitário que contrata uma garota negra de 14 anos por um final de semana, pelo valor de cem dólares, mas, ao final do acordo, ele acaba por não pagar. Partindo da mesma premissa de relações de gênero com prostitutas, tem o drama *A Streetcar Named Desire* (1947), de Tennessee Williams, em que a protagonista, Blanche, é estuprada por seu cunhado em um ato de vingança. Neste caso, Blanche não é negra, mas ainda é vítima de uma temática comum na literatura de denúncia produzida por mulheres negras nos Estados Unidos.

Como já previamente mencionado, a obra-prima de Alice Walker, *The Purple Color* (1982), é protagonizada por Celie, que escreve cartas para Deus após ser seguidamente estuprada pelo homem que pensava ser o seu pai. Nesse caso, a personagem engravida duas vezes desfazendo-se dos filhos após o nascimento, sob a justificativa de que tinham falecido após o parto. No caso de *Their Eyes Were Watching God* (1937), de Zora Neale Hurston, a protagonista, Janie, é abusada sexualmente por seu marido, com quem se casou ainda na infância, com 12 anos. Depois de anos sendo abusada no contexto de um casamento tóxico, ela se separa e vai viver com outro homem, que morre após ser infectado pela raiva.

Nos romances de Toni Morrison, seja em *The Bluest Eye* (1970) ou em *Beloved* (1987), o abuso sexual da mulher negra aparece em dois contextos: no primeiro, o estupro infantil de Pecola por seu próprio pai, que também resulta em uma gravidez não-planejada; no segundo, em que a protagonista é abusada grávida.

Ambos transmitem a violência do ato de forma subjetiva.

Participando da tradição por ser literatura escrita em língua inglesa, na Nigéria, Chimamanda Ngozi Adichie publicou *Purple*

Hibiscus (2003), em que denuncia relacionamentos abusivos no seio de famílias protestantes – um cenário similar ao que aconteceu com os Jennings em *Ruby* (2017).

Porém, em razão da psicologia da mulher negra, por ser elencada nessa categoria de não-mulher, as expectativas sobre as experiências que podem vir a viver são totalmente diferentes daquelas almejadas por mulheres, sejam negras ou brancas. A violência e a degradação são elementos comuns na vida das mulheres negras, seja por seus parentes ou companheiros, desencadeando na certeza de que as mulheres negras sofrerão algum tipo de violência em algum momento de suas vidas, o que instaura a antítese do conto de fadas, o *anticonto de fadas*.

Portanto, no caso de *Ruby* (2017), e sua protagonista, existe uma oposição básica que se refere, também, às representações sociais idealizadas e concretizadas sobre as mulheres negras. Logo, a narrativa denuncia, por meio da oposição básica e da seleção de semas como as mulheres são classificadas pelo *status quo* e divididas em grupos, sejam elas *boas, santas e brancas* ou *más, putas e negras*, como veremos na análise das estruturas fundamentais a seguir.



ESTRUTURAS FUNDAMENTAIS

Ruby Bell, protagonista do romance homônimo *Ruby* (2017), é segregada da comunidade onde vive por seu comportamento obsceno, ao ser considerada uma prostituta, uma mulher da vida, por ter relações sexuais sem critério ou proteção. Mas, principalmente, por ser uma prostituta de pele clara, quando o período ainda era marcado intensamente pela segregação racial, e a branquidade utilizava toda a sua influência para potencializar e demarcar as diferenças atenuantes entre indivíduos étnico-divergentes.

Pela suposta diferença representada por Ruby na obra, o narrador a utiliza como centro de discussão sobre raça e gênero, interseccionalizados, ao fornecer um ponto de vista de opressão dessa mulher negra de pele clara que não possui privilégios no *status quo*. Pela descrição realizada pelo narrador que se pode

compreender a perspectiva de que não há privilégios para



negros no contexto da branquidade vivenciada e representada pelos personagens de *Ruby* (2017).

Para Louro (2019, p. 34), “uma categoria semântica fundamenta-se em uma diferença, em uma oposição, daí dizer-se que a compreensão gerada pelo nível narrativo fundamental depende da construção discursiva sobre pilares opostos”. No caso da personagem Ruby, a oposição semântica mínima foi obtida através da triagem e seleção dos adjetivos atribuídos a ela ao longo da narrativa.

Na primeira fase da análise, serão explorados os signos atribuídos à Ruby e como essas atribuições refletiram no campo discursivo da obra, pois, nela explicita-se que “Ruby sabia que meninas brancas eram sempre *boas* mesmo quando eram *más*, *mas pretas começavam más e podiam ser qualquer coisa depois*” (Bond, 2017, p. 151, grifo nosso). Essa dedução por parte de Ruby se origina na sua vivência enquanto criança prostituída, escolhida a dedo pelos supremacistas brancos mais degenerados do Sul dos Estados Unidos para sofrer violências seguidas, traumáticas.

15

De acordo com Louro (2019, p. 34, grifo nosso), “o Quadrado Semiótico de Greimas é uma ferramenta de obtenção de noções de *contrariedade* e *complementaridade* da narrativa, desde o preenchimento dos polos *euforia* e *disforia*”, pela própria definição discursiva sugerida pela narrativa. No caso, os signos se posicionam enquanto contrários ou complementares, para gerar uma significação semiótica na obra a partir da oposição semântica mínima básica que se aplicará por todo o enredo.

Como já pontuado anteriormente, Ruby é marcada na obra pela birracialidade relutante, por ter nascido de uma relação não-consensual, um estupro, explícito no trecho: “a Senhorita P não tentou impedi-la, assim como não tentara impedir a mãe de Ruby, Charlotte Bell, quarenta e um anos antes, quando ela fugira do estupro, do ódio e de um *bebezinho marrom* chamado Ruby Bell” (Bond, 2017, p. 66, grifo nosso). No caso, por ser o resultado de um estupro, de uma violência sexual, Ruby é abandonada pela própria mãe e, nesse ato, já tem a sua racialidade marcada pelo termo *marrom*, um entre-lugar entre o negro e o branco, uma mistura sem raízes.

Logo, existem duas representações de Ruby: uma Ruby negra, possuída por um espírito cruel, o Dyboù, que luta para se reconstruir após ser explorada pela própria negritude, e uma



Ruby embranquecida que usava a sua passabilidade branca como uma máscara para protegê-la dos horrores que havia testemunhado ao ser determinada como *negra*. Consistia em um privilégio compartilhado por toda a sua família, como explícito em: “a maioria dos Bell se passava por branco. *Todos eles se mandaram do Sul, fosse de ônibus, de barco ou de trem... Voaram para o norte que nem os pedaços de algodão*, mas não o Seu Bell, que era mais branco que o leite de uma vaca branca no inverno” (Bond, 2017, p. 60, grifo nosso).

O fato de a narrativa citar a Grande Migração do Sul Negro para o Norte Branco denuncia como a família Bell não se sentia segura naquele lugar, tão fincados como estavam no seu entre-lugar racial. Ruby, entretanto, não teve escolha da ambiguidade, já foi marcada pela negritude desde o ato de seu nascimento. A narrativa, por meio da fala da personagem, também estabelece um paralelo entre a Grande Migração, e a conseqüente partida dos Bells, com a venda de produtos como o algodão, que é branco por natureza. A migração para o Norte seria a tentativa dos Bells de reconstruírem a sua família em um ambiente supostamente menos racista.

A maternidade é uma temática recorrente nos livros citados até agora, de *Uncle Tom's Cabin* (1862) até *Beloved* (1987), pois a maternidade no período da escravidão certamente não foi fácil para as mães negras que, por muitas vezes, viram-se obrigadas a se desfazerem-se de seus filhos, vendidos cruelmente no tráfico humano. Ruby, que engravidou aos 14 anos, como resultado de tantos estupros ao qual o seu corpo foi submetido, também teve que conviver com a perda de sua filha após um estupro ainda mais violento do que os outros.

Para Ruby, grávida aos 14 anos, suas expectativas em nada pareciam com as de mulher branca grávida, por exemplo. Ela continuou a trabalhar para a Srta. Bárbara, mesmo grávida e “cheia de vida esperançosa. Os enjoo tinham parado. Agora, aos oito meses, sua filha estava forte dentro dela, apesar de Ruby nunca ter ido a um médico” (Bond, 2017, p. 163). É descrito como Ruby tinha momentos de dissociação durante os estupros, tocando a barriga de grávida do bebê que ela já deduzia ser uma menina, estimulada principalmente pela esperança de uma nova vida crescendo dentro dela, por uma oportunidade de possuir algo além de tristeza e solidão. Infelizmente, a srta. Bárbara vendeu

Ruby para um homem que tinha uma fantasia peculiar: estuprar uma grávida brutalmente, o que ocasionou do parto prematuro do bebê, que veio a óbito.



Foi realizada a triagem e seleção de adjetivos e substantivos atribuídos à Ruby ao longo da narrativa, sendo observadas e categorizadas as repetições desses semas que contribuem para construção da subjetividade de Ruby na narrativa e determinam a representação das mulheres negras por ela representada, como indicadas no **quadro 1**, abaixo.

Quadro 1 – Quadro de semas de Ruby, protagonista de *Ruby* (2017).

QTD.	QTD.
1x BELA	5x PUTA
1x LINDA	5x LOUCA
	3x COISA/NOJENTA
	3x MALUCA
	2x CRIATURA
	1x CINZENTA
	1x MAGRELA
	1x JEZEBEL QUALQUER
	1x MULHER DA VIDA
	1x VACA
	1x MERETRIZ DE PELE CLARA
	1x VADIA
	1x DIABO

Fonte: Dados da Pesquisa.

As únicas vezes em que são atribuídos adjetivos positivos à Ruby ocorre no capítulo (5), em um contexto de branquidade, quando Ruby se tornou uma excêntrica em Nova York: “ele dissera que ela era *linda* daquele jeito puro que somente um homem gay consegue dizer, e, generoso, desvencilhara-se dela apenas quando a anfitriã, a Senhora Gladdington, o chamar” (Bond, 2017, p. 73, grifo nosso) e “apenas uma *bela* garota preta que trabalhava para a anfitriã” (idem).

Para a análise da narrativa, determinamos a *euforia*, o aspecto positivo da narrativa, que configura s¹ *santa*, um sema ausente da narrativa, mesmo que existam descrições de mulheres brancas, não sendo estas consideradas apropriadas para a utilização do termo, tendo o caráter das duas principais representações da feminilidade branca, verdadeiras vilãs na trajetória de Ruby.

Preferimos preencher a ausência com o oposto direto do principal termo disfórico da narrativa, o seu aspecto negativo, s²



puta, um sema atribuído não apenas às mulheres negras da narrativa, mas, principalmente, Ruby.

Os outros semas presentes na narrativa estão todos associados à Ruby e à Liberty, que, de certa forma, também é um personagem na narrativa, como aparecem em: “Liberty *não responde a Deus, nem aos Estados Unidos*, a cidade nunca foi batizada pela lei de ninguém, *por isso o diabo a incluiu na lista dele*” (Bond, 2017, p. 110, grifo nosso). Aparece também em: “*a Celia disse que o Diabo estava satisfeito com a sua alma, mas agora ele está querendo puxar o resto de Liberty, um por um, para o inferno, e ninguém pode deixar isso acontecer*” (Bond, 2017, p. 160, grifo nosso). Liberty é continuamente relacionada com um espaço geográfico rebelde, sem leis ou moralidade, em razão do domínio dos brancos e suas decisões suas decisões arbitrárias para com a população negra. Por isso, os negros a consideram como uma cidade dominada pelo Diabo. Essa visão maniqueísta entre brancos, algozes, e negros, vítimas, é alimentada pelos dogmas protestantes de Celia Jennings, que considera a cidade para além do ponto de recuperação e limpeza moral, como destacado ao mencionar o “batismo” pelo qual Liberty não passou, que seria uma maneira de purificá-la. Além do mais, considera-se que a própria imoralidade dos brancos contaminou a alma dos homens negros, que passaram a reproduzir com as mulheres as violências perpetradas contra eles.

Desse modo, Ruby é posicionada em disforia por boa parte da narrativa, pois é continuamente brutalizada pelo sistema em que vive, o *status quo*, representado pela opinião pública do povo de Liberty sobre a personagem. Para Williams (1989, p. 11), “na longa história das comunidades humanas, sempre esteve bem evidente esta ligação entre a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa substância”. Ao longo do enredo, no entanto, percebe-se que existe uma relação intrínseca entre Liberty e Ruby. O retorno de Ruby à cidade é uma prova de que, sim, ela precisaria se curar de seus traumas para recuperar a sua liberdade, *her liberty*.

São os semas comuns de Ruby já adulta, *puta, louca, coisa, nojenta, maluca, Jezebel, mulher da vida, vaca, meretriz de pele clara, vadia e diabo*, todos com entonação negativa, relacionados aos traumas acumulados por Ruby durante toda a sua vida.

Como investigado, Ruby, após se sujeitar aos papéis mais degradantes atribuídos a uma mulher, como a prostituição e,



principalmente a uma criança, ao ser explorada sexualmente, é vista como indigna de piedade e compaixão por conta do enredo, que continua a explorar a sua dor, posicionando-a como vilã de sua própria história, desde a sua concepção até o momento em que concebeu.

Ruby só é vista como linda quando está submersa na branquidade, quando se transforma em uma mulher branca para usufruir de seus privilégios, mas esse *glamour*, esse feitiço (literalmente), não dura muito após o seu retorno para Liberty, onde ela se defronta com as expectativas depositadas na subjetividade das mulheres negras, conhecidas e denominadas como *putas* e *loucas*, consideradas o diabo do homem branco e o diabo do homem negro. Para qualquer homem, a mulher negra seria esse diabo, ao subverter esses valores e se reerguer após centenas de anos de exploração. Como vemos no trecho: “até que as pessoas perceberam que ela não era escritora, nem namorada de um homem famoso ou cantora — apenas *uma bela garota preta* que trabalhava para a anfitriã” (Bond, 2017, p. 75, grifo nosso), há uma objetificação do corpo de Ruby e uma limitação de sua subjetividade, ao apenas considerar a sua aparência como um diferencial da sua personalidade.

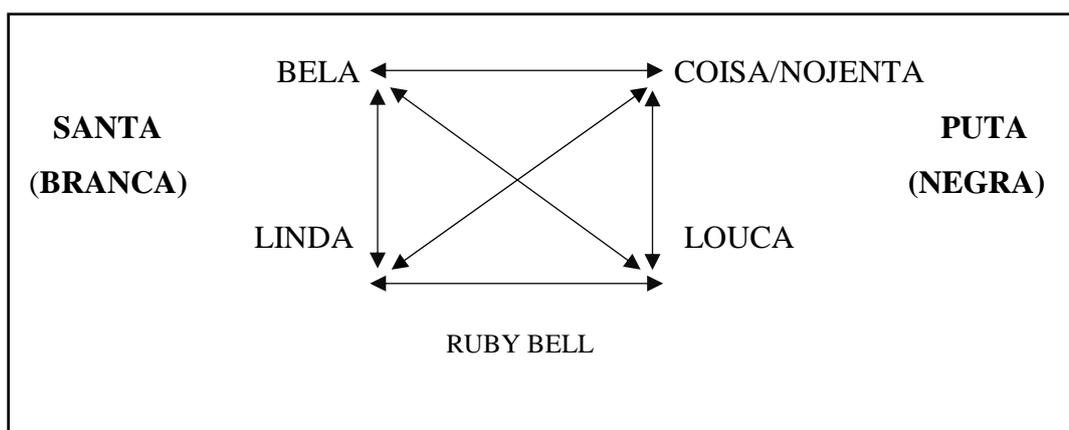
Dessa forma, a oposição básica da presente análise é *s¹santa*, sendo este o sema fantasma atribuído para esse ideal de mulher contrário ao apresentado na narrativa, que equivale a *branca*. O termo, de acordo com o Dicionário Aurélio, possui sentido figurado, como significado de “mulher de grandes virtudes, de bondade invulgar” (Ferreira, 2004, np); e *s²puta*, sendo este sema muito recorrente na narrativa para descrever as personagens negras, em especial a protagonista, Ruby, equivalendo à *negra*. Já esse termo, de acordo com o Dicionário Aurélio, possui sentido figurado como “aquela que não tem pudor; libertina ou despudorada” (Ferreira, 2004, np), em relações de complementaridade e contradição; no lado de *santa*, a complementaridade é *s³bela* e *s⁴bonita*, ou seja, sendo os dois semas com ideias complementares; no lado de *puta*, as relações de complementaridade dependem dos semas *s⁵coisa/nojenta* e *s⁶louca*, que representam ideias complementares, transmitindo a negatividade da ideia.

Quanto às relações de contrariedade, apresentam-se *bela* vs. *nojenta*, que são ideias opostas, assim como *linda* vs. *louca*, determinando-as válidas a partir da complementaridade de *bela* vs. *não-nojenta* e *linda* vs. *não-louca*. Nas relações de contradição, determina-

se *bela* vs. *louca* (*bela* = *não-louca*) e *bonita* vs. *nojenta* (*linda* = *não-nojenta*), como visto no **quadro 2** abaixo.



Quadro 2 - Quadrado Semiótico de *Ruby* (2017).



20

Fonte: Dados da Pesquisa.

Considera-se, assim, que a oposição básica *santa* vs. *puta* é apoiada pelos semas adotados pela narrativa para descrever Ruby e, junto com ela, ideias consolidadas pelo *status quo* ao longo dos anos de misoginia interseccionada pelo racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

HER LIBERTY: SUBJETIVIDADE FEMININA NEGRA E RELAÇÕES DE GÊNERO EM...
Afluente, UFMA/CCBA, v.8 n. 24, p. 02-22, ago/dez de 2023
ISSN 2525-3441

Ruby (2017), de Cynthia Bond, suscita questões extremamente pertinentes para a subjetividade feminina



negra, quando instiga problemáticas quanto às representações de mulheres negras no inconsciente coletivo e, principalmente, na literatura, baseadas em heranças da escravidão e do tráfico negreiro. Impressões alimentadas pelo *status quo* e a intersecção de racismo e machismo, que determina muitos dos comportamentos tóxicos normalizados pela sociedade até o

século XXI, quando mulheres negras sofrem e são vítimas de assédio, crimes de cunho sexual, como o estupro e que a violência contra a mulher negra continua a ser perpetrada tanto por homens negros quanto por homens brancos.

Uma mulher negra não precisa ser santificada para ter a sua individualidade e subjetividade, respeitadas. Como também não precisa perder a sua sexualidade, a sua energia sexual, para não ser considerada puta. Lutar contra as representações que limitam a percepção sobre as mulheres negras, tornando-as mães assexuais ou criaturas de sexualidade afluente, é de suma importância, para que as mulheres negras *reais* não sofram com o peso da intersecção do machismo e do racismo, limitando-as e vitimizando-as, tornando-as números em estatísticas e nomes em orações de mães desesperadas.

21

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **Esse cabelo**. Alfragide: Teorema, 2015.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: Fundamentos semióticos**. 3. ed. – São Paulo : Humanitas FLLCH/ USP, 2001.

BARROS, Luciano Alencar. O fim político da “Era de Ouro” nos Estados Unidos. Leituras de Economia Política, vol. 30, jan/jun, 2020, p. 23-34.

BOND, Cynthia. A CONVERSATION WITH CYNTHIA BOND, AUTHOR OF RUBY. Interviewer: Oprah Winfrey. Declutter Your Life, 2015!. O, The Oprah Magazine, vol. 16, no. March 2015. Disponível em: <<http://cynthiabond.com/wp-content/uploads/2015/02/question-and-answer.pdf>> . Acesso em: 20 jun. 23.

BOND, Cynthia. Ruby. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

CALDEIRA, Isabel. A construção social e simbólica do racismo nos Estados Unidos. Revista Crítica de Ciências Sociais. n. 39, 1994.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3 Curitiba: Editora Positivo, 2004,

HER LIBERTY: SUBJETIVIDADE
FEMININA NEGRA E RELAÇÕES
DE GÊNERO EM...
Afluente, UFMA/CCBA, v.8 n. 24, p.
02-22, ago/dez de 2023
ISSN 2525-3441

FIORIN, José Luiz (Org.). Introdução à Lingüística I: **Objetos teóricos.** São Paulo: Contexto, 2002.

HOOKS, Bell. **Olhares Negros: Raça e Representação.** São Paulo: Elefante, 2019a.

HOOKS, Bell. **Eu não sou uma mulher?** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019b.

KARNAL, Leandro. (et al). **História dos Estados Unidos:** das origens ao século XIX. São Paulo: Contexto, 2007.

LEPORE, Jill. **These Truths:** A history of the United States. New York/London: W. W. Norton & Company, 2018.

LOURO, Yasmine. **O entre-lugar da cor em Gertrude Stein.** Monografia (Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa,

Língua Inglesa e Literaturas) — Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão — UEMASUL, Imperatriz, MA, 2019.

LOURO, Yasmine. **O plurivocalismo de raça e gênero em “Melanctha”, de Gertrude Stein.** Dissertação (Mestrado Acadêmico) — Universidade Federal do Tocantins. Porto Nacional/TO, 2021.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros:** seis ensaios sobre racismo e literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORRISON, Toni. **A fonte da autoestima:** ensaios, discursos e reflexões. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

WARE, Vron. (org.). **Branquidade: Identidade branca e multiculturalismo.** Rio de Janeiro: Garamond: 2004.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade.** São Paulo: Companhia das Letras. 1989.



Enviado em: 15 de agosto de 2023

Aprovado em: 29 de maio de 2024